

A mulher no mercado

— MONICA CHERULLI —

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

A mulher no mercado

Monica Cherulli

Num sábado de manhã, meio chuvoso, ia levando distraidamente meu carrinho pelos corredores do supermercado quando uma cena me fez parar

Uma mulher alta, por volta de seus 40 e tantos anos, gordinha, escolhia empolgadamente canecas de louça em promoção.

Retirava uma da prateleira, girava nas mãos, sorria e devolvia, pegando outra em seguida. Não se decidia. Queria levar todas. E ria de si mesma a cada nova indecisão.



Não sei por que, aquela cena me cativou tanto que parei ali, observando uma estranha com os olhos brilhantes, brincando com canecas coloridas.

Fiquei encantada pelos gestos dela, não conseguia parar de acompanhá-la com meus olhos, curiosos, envolvidos.

E assim, me vi sorrindo também e desandei a opinar:

— Pegue essa azul. Os pratos também estão em promoção, você já viu?

E sorrimos uma pra outra, compartilhando aquela tolice toda. Velhas desconhecidas estranhas, ali, no meio do corredor do mercado.

Eu já me esquecia do meu carrinho, das minhas compras, do horário e pegava também pratos, canecas, xícaras... escolhendo, recolhendo, devolvendo.

E a estranha, cada vez mais empolgada, dizia que nunca mais conseguiria sair daquele corredor. Eu ria. Ou sorria, não sei. Alguma coisa no meu coração ficou tão leve naquele momento, que eu simplesmente me recusava a sair dali.

No final, pegamos duas pequenas xícaras de café. Nós duas indecisas entre o azul ou o dourado. Relutante, cheguei a colocar a azul no carrinho. Pensei: é mais neutro, vai ficar bem com qualquer outra coisa.

Ah... mas não era dia de coisas perfeitas. E sempre detestei perfeição. E disse em voz alta, comentando com a minha companheira de indecisões:

— Quero o dourado, quero cor, quero luz!

E ela, como toda boa companheira, riu e disse:

— É isso! Também quero colorido. Meu ano foi muito bom, colorido, amoroso. Vou levar o dourado pra mim e o azul pro meu namorado. Eu sempre levo um presente pra ele.

Foi nesse momento, então, que eu entendi o que me prendeu a ela o tempo todo naquele corredor do supermercado.

Aquele brilho no olhar.

Aquele sorriso leve e caloroso.

Aquela felicidade boba.

Era só amor...

Sobre a autora

Gosta de escrever desde criança e adora ler. Fez Comunicação Social, Administração de Empresas e alguns períodos de Pedagogia. Trabalhou em uma multinacional com capacitação de pessoas e numa universidade com educação a distância. Hoje está aposentada e faz balé e flamenco. Gosta de ouvir as histórias das pessoas e juntar todas num arquivo imaginário em sua cabeça, para poder usar algum dia, em algum conto. Escreve para organizar seus sentimentos, para entender a vida e as coisas que não consegue mudar.